

UM ENSAIO SOBRE O USO E AS VANTAGENS DAS BELAS-ARTES

An essay on the use and advantages of the Fine Arts

John Trumbull¹

Tradução de Laura Elizia Haubert²

APRESENTAÇÃO

Nas últimas décadas tem-se prestado mais atenção à tradição estética estadunidense, especialmente desde a segunda metade do século XX com o florescimento da estética analítica e o surgimento de notáveis estetas como Arthur Danto e George Dickie. Porém, como bem observou Guglick (2020), pouco trabalho foi feito no que diz respeito à tradição histórica da estética norte-americana, e menos ainda em relação as suas origens.

Parte do problema diz respeito ao desconhecimento dos primeiros textos de estética estadunidenses, assim, essa tradução é nada mais que um intento de ajudar a diminuir parte do problema, ao trazer para o leitor de língua portuguesa o importante ensaio semiesquecido do poeta norte-americano John Trumbull (1750-1831).

O texto em questão foi pronunciado como discurso de formatura para a turma da Universidade de Yale em 1770 por Trumbull, tendo sido publicado posteriormente. Na interpretação de Cahill (2012), este ensaio é peça chave por ser um dos primeiros escritos norte-americanos a defender o valor moral e político do prazer estético e das belas artes.

Como observou Grasso (1995), Trumbull ecoa neste ensaio a forma e a linguagem dos pensadores escoceses iluministas como Lord Kames. Vale notar que Lord Kames influenciou não somente o autor, mas toda a jovem geração esteta norte-americana, assim o texto do poeta encontra-se também em sintonia com a tradição que florescia em seu entorno intelectual.

¹ Graduou-se em 1773 na Universidade Harvard. Foi um pintor do período da Independência, famoso por seus quadros históricos, especialmente a *Declaração de Independência*, que aparece no reverso da cédula de dois dólares.

² Doutoranda em Filosofia na Universidad Nacional de Córdoba. (Bolsista CONICET). Graduada em Filosofia pela PUC-SP. Mestre em Filosofia pela PUC-SP. Escritora.

No ensaio, Trumbull faz um apelo por uma reforma acadêmica que possa valorar a importância intelectual das artes e das artes plásticas, enfatizando que as artes são um ramo sólido de aprendizado tal como os outros conhecimentos, como as ciências e a matemática. Além disso, buscou enfatizar de que modo a arte gera uma elevação moral do indivíduo.

O coração de seu argumento parece ter dois eixos, um primeiro que defende o valor das artes e suas vantagens para a sociedade como um todo, e um segundo mais específico que prevê glória futura para a arte nos Estados Unidos, devido aos valores democráticos que circulavam na época. Tudo isto embasado numa análise de artes passadas e contribuições históricas da arte. Após o ensaio, o autor recitava um poema de autoria própria, que aqui não foi incluído.

A despeito das datações históricas, sem dúvida, os leitores encontrarão no ensaio de Trumbull uma importante defesa das artes, especialmente frente às ciências e às matemáticas que se mostra ainda frutífera e interessa aos olhos contemporâneos, que por vezes ainda precisam tecer semelhantes defesas em favor das humanidades e das artes.

A tradução a seguir foi realizada diretamente de versões originais do texto proferido em 1770 tal como este foi publicado. Destaca-se que se buscou preservar o estilo do autor de modo tão fidedigno quanto possível na tradução de um idioma para o outro.

SOBRE O USO E AS VANTAGENS DAS BELAS ARTES

Nenhum tema pode ser mais importante em si mesmo, ou mais adequado para a ocasião presente, e os exercícios deste dia, do que o Uso e as Vantagens das Belas Artes, e especialmente as da Literatura Refinada. Esses estudos são, talvez, muito subestimados pelo público e negligenciados pelos jovens em nossos seminários de ciência. Eles são considerados meros assuntos de deleites frívolos e desprezados em comparação aos ramos mais sólidos do Conhecimento.

O conhecimento de Línguas, Matemáticas, Metafísica e Filosofia, sem dúvidas, merece a atenção dos maiores Gênios. Para habilidade nessas ciências, o Mundo (enquanto o mundo perdurar) reverenciará a memória de um Bacon, um Newton e um Locke. Mas quando eles são levados além de certo ponto; quando não são úteis para os

propósitos comuns da vida; quando são empregados em questões que a Razão humana nunca pode determinar com certeza, eles degeneram em meras especulações de diversão e não se tornam mais valiosos do que quando servem para ampliar a mente, clarear o entendimento e entreter nas horas de lazer das ocupações importantes em relação aos negócios. Os trabalhos Geométricos para a Quadratura do círculo, as controvérsias Metafísicas sobre a existência da matéria e a essência do espírito, embora um campo para a exibição do gênio, em que são mais interessantes para a humanidade do que as contendas dos Antiquários sobre a genialidade de uma medalha, ou as disputas dos Comentadores sobre as várias leituras de seus manuscritos antigos?

Vamos considerar as vantagens que surgem para o mundo [advindas] do estudo das Artes Liberais.

A humanidade, no estado atual, está extremamente sujeita a ser levada por vícios mesquinhos e sórdidos, a apegar-se aos baixos prazeres dos sentidos e, assim, degradar-se quase ao nível da criação brutal. Como aquela sede incessante por felicidade, que é a fonte universal da ação, deve ter algum objeto para sua gratificação; o Ser Divino, para nos elevar acima desses desejos inferiores implantou em nossas mentes o gosto pelos prazeres mais puros e intelectuais. Esses prazeres têm suas origens nas Belas Artes e são mais especialmente encontrados nos entretenimentos da Literatura refinada. Eles enobrecem a alma, purificam as paixões e dão um melhor giro aos pensamentos. Eles adicionam dignidade aos nossos sentimentos, delicadeza e requinte às nossas maneiras. Eles nos colocam acima de nossas buscas mais mesquinhas e nos fazem desprezar aqueles prazeres baixos, que talvez já tenhamos considerado a perfeição da felicidade humana. Eu apelo a todas as pessoas de julgamento, se elas podem levantar-se da leitura de um excelente Poema, vendo qualquer obra magistral do Gênio, ou ouvindo um concerto harmonioso de Música, sem sentir uma abertura do coração e uma elevação da mente, sem ser mais sensível na dignidade da natureza humana e desprezar tudo o que tende a rebaixá-la e degradá-la?

Estes são os deleites que humanizam a alma e porem aquela rude ferocidade dos modos, natural das nações incultas do mundo.

Em todas as terras, em todas as épocas, no tempo em que o invencível espírito da liberdade se juntou àquela louvável ambição que incendeia a alma a feitos heroicos, elevou a nação ao mais alto grau de glória, as Belas Artes foram cuidadosamente

cultivadas e resplandeceram com um brilho peculiar. Para Aprendizagem e Glória andar de mãos dadas através do mundo. Um povo selvagem, antes do alvorecer da literatura, pode realmente ser terrível nas armas: mas tendo manchado com o sangue da crueldade, manchado com aquela barbárie selvagem que degrada a coragem em brutalidade, eles nunca atingem o cume da fama; e afundam no esquecimento despercebido ou deixam para a posteridade um nome mais infame para a barbárie do que para feitos heroicos. Enquanto cada vez celebra a bravura de um Alexandre, um Cipião, um César e um Marlborough; quem se lembra dos selvagens siercenes de Ricardo coração-de-leão; ou qual boca se abre em louvor a esse flagelo da Ásia, o persa Nadir?

O mesmo ardor de ambições, a mesma grandeza de pensamento que inspira o Guerreiro a enfrentar o perigo é o campo conquistador, quando difundido entre um povo, despertará o Gênio em todas as fases da vida, incendiará a imaginação do Artista e elevará ao sublime a aspirante a Musa.

Olhe para os anais da antiguidade. Veja os gregos na era da erudição e polidez, quando as Belas Artes foram levadas à sua mais alta glória, quando toda a nação incentivou a ciência e cada pessoa um juiz de literatura; quando, por grandeza do gênio, correção do gosto e refinamento das maneiras, eles se tornaram famosos em todo o mundo, e modelos de imitação para toda a posteridade. Foi então que a Grécia produziu aqueles Heróis que surpreenderam a Europa e a Ásia com o som de suas vitórias; então foi a época em que Atenas, Esparta e Tebas deram as leis para o mundo. E poderia uma nação deixar de atingir o mais alto grau de fama quando animada com a eloquência trovejante de Demóstenes e Péricles, disparada para ator guerreiros pela musa marcial de Homero e aquecida com aqueles sentimentos nobres que inspiraram as produções de Ésquilo, Eurípides e Sófocles?

A glória das Artes e Armas afundou na Grécia e ressuscitou com brilho renovado em Hesperia. Roma se destacou pela literatura, desde o início de seu bisneto. Em seus primeiros dias, embora suas maneiras rudes tivessem uma semelhança muito grande com as virtudes duras de Esparta, ela podia se gabar de um Ennius, a ousadia de pensamentos inteiros que nem o próprio Virgílio desdenhava imitar. Então floresceram Accius, Naevius, Pacuvius, aqueles famosos poetas dramáticos como o ousado e espirituoso Lucílio, o pai da sátira romana. Mas esses escritores mergulharam no escuro túmulo do esquecimento e deixaram para trás apenas alguns pequenos traços de sua fama. Então

apareceu o gênio áspero de Plauto, a elegância mais brande de Terêncio e a musa suave de Catulo: então o polido Lucrécio, tão distinto por todas as graças da expressão poética, que Virgílio evidentemente tomou emprestado em seus escritos, seu estilo, versificação e maneiras de descrição. Nesse ínterim, a Eloquência atingiu a mais alta perfeição em Roma. Seja Cícero uma testemunha cujo elogio é desnecessário, seja como orador, patriota ou filósofo.

Mas veja que Roma atinge o cume da grandeza. O mundo se submete ao seu domínio. Satisfeita com os despojos da vitória, ela se senta no trono sem ser molestada e difunde a benção suave da paz. Em seguida, florescem os nomes mais caros à fama, as glórias da era Augustana: a majestosa Musa de Virgílio, a segunda que ousou tentar a dignidade da canção épica; a elegância polida de Horácio, agraciado com a lira fundadora e armado com a espada afiada da sátira; a imaginação forte e esportiva de Ovídio; as suaves cepas elegíacas de Tibullus e Propertius; e a grandeza histórica de Tito Lívio. O mundo está ciente de sua fama. Seus personagens precisam ser ilustrados pela tediosa impertinência do elogio.

A glória de Roma desvaneceu por uma decadência gradual. A musa ainda brilhava, embora com um brilho manchado, nas tragédias de Sêneca, nas sátiras de Juvenal e Pérsio e nos poemas heroicos de Lucano, Estácio, Cláudio e Sílio Itálico. A história produziu o nervoso e viril Tácito; e a Filosofia ainda se podia mostrar em Sêneca e Plínio. Até que por fim a tirania usurpou o domínio e a barbárie espalhou-se pela Itália.

Para um exemplo mais próximo dos troféus das Artes Liberais, vejamos o estado da Rússia no século passado. Em uma terra fria e não polida, profundamente mergulhada nas sombras da ignorância selvagem, um Monarca se levanta, movido com compaixão por seus súditos, inflamado com um amor pela glória e dotado de uma alma superior à idade, forma um projeto de civilização para seu país. Ele navega para outras terras, importa os rudimentos das artes e oferece, tanto por preceito quanto por exemplo, o maior incentivo ao gênio. A Nação se ergue do pó, repele seus inimigos, estende suas fronteiras, conduz seus exércitos conquistadores e agora ameaça a subversão total do Império Otomano.

Somente a Grã-Bretanha pode reivindicar a glória de uma igualdade com a Grécia e Roma. Lá por dois séculos as Artes floresceram com brilho quase inabalável: e a menor reflexão nos informará que este período é de longe o mais célebre da história britânica.

No glorioso reinado de Elizabeth, surgiu um Spenser, inigualável em todos os encantos agradáveis de descrição luxuriante; cuja fantasia nos transporta para a terra das fadas, e nos faz conhecer uma raça sombria, os seres de sua própria criação. Depois um Shakespeare, o gênio incomparável do drama, dotado da mais nobre extravagância de imaginação, os mais fortes poderes de humor, o comando soberano das paixões e a mais apurada inspeção em todos os labirintos da alma humana. A estes sucedeu a inteligência desenfreada de Cowley, as graças suaves de Waller e a grandeza variada de Dryden. Então, com os encantos unidos de cada musa, apareceu o imortal Milton, quem com maior força de gênio natural, auxiliado por todos os amparos da arte e pelas nobres descrições dos escritores inspirados, produziu um Poema quase tão superior ao de Homero tanto em sublimidade de concepção quanto em grandeza de assunto.

Um gênio universal como seu tema,
Surpreendente como o caos, como o florescer. De
soprar o Éden justo, como Céus sublime
(*Thomson*)

Após um curto eclipse no luxuoso reinado de Carlos II as Artes revividas brilharam com fulgor superior nos dias prósperos de William e Anne; enquanto o vitorioso Malborough carregava o trovão da Grã-Bretanha sobre seus inimigos e fazia a Europa tremer ao som de seus braços. Em seguida, floresceu a polida musa de Addison que reviveu na Inglaterra a elegância clássica da era augusta, cujas obras, adornadas com a mais alta sublimidade de sentimento e a mais bela delicadeza de pensamento, cheias de humor fácil que apontam o ridículo contra o vício (enquanto proporcionam instrução e entretenimento do tipo mais nobre a cada leitor) podem se orgulhar de sua maior honra e excelência distinta, que são peculiarmente calculados para agradar e melhorar a parte mais justa da criação.

Então surgiu um Swift, o amigo da virtude, o flagelo da loucura e o terror do vício; inigualável em sentido viril, vivacidade de fantasia e poderes de sagacidade e humor, e mais severa pungência da sátira. Feliz, não tinha sua mente azedado de desgosto nas primeiras visões de sua ambição, muitas vezes empreendido pela mais grosseira indelicadeza de descrição para rebaixar a dignidade da natureza humana; entregou-se a

um espírito de misantropia que obscurece suas melhores produção, e enquanto admiramos a força de seu Gênio nos faz detestar os sentimentos de seu coração. Que idade esquecerá a fama eterna do Papa! Seja em agradáveis acordes, ele pinta as belezas da natureza; lamenta com as notas mais suaves de versos elegíacos; ou com êxtase moral desdobra todos os princípios e paixões da alma humana: seja nas partidas esportivas, ele exhibe as fraquezas do Sexo mais gentil; empala o vício e a estupidez do ponto da sátira; ou segurando, acima do copo da tradução, reflete com luz inabalável as glórias da canção maeoniana.

Pelo poder de descrever as belezas das cenas rurais e copiar as diferentes aparências da natureza, que escritor pode competir com o agradável Thomson! A vivacidade de suas pinturas, sua moralidade sublime e sua delicadeza de pensamento o elevam justamente ao nível mais alto nível de gênio.

Também não devemos esquecer a tranquilidade natural de Gay e Prior, a espirituosa sagacidade de Congreve, a delicada fantasia de Parnelle, os poderes dramáticos de Otway, Southern e Rowe, o humor cervical de Arbuthnot, com a sátira aguçada e a forte imaginação de Young. Esses escritores irão transmitir a glória inglesa às idades mais distantes da posteridade.

Atualmente, as cartas educadas estão em declínio na Grã-Bretanha; não por escassez de autores, ou falta de incentivo do público, mas por causa daquela luxuosa efeminação, que causou a decadência do gênio e introduziu um falso gosto pela escrita. Seus homens de aprendizagem estão infectados pelo pedantismo. São grandes admiradores da antiguidade e adeptos do caminho da imitação servil. Eles sacrificam a facilidade e a elegância à afetação da correção clássica, definem a fantasia com as regras do método e amortecem todo o ardor das aspirantes a invenções. Enquanto os homens de gênio (que atualmente são uma classe distinta de escritores) desprezam as correntes da crítica, jogam fora toda aparência de ordem e conexão, divertem-se nas mais selvagens arremetidas da imaginação e adotam a maior extravagância de humor que também muitas vezes se transforma em bufonaria ou azeda com a malevolência da sátira.

A América tem uma boa perspectiva em alguns séculos de governo tanto nas artes quanto nas armas. É universalmente permitido que nos destaquemos na força do gênio natural. E embora poucos entre nós sejam capazes de devotar suas vidas inteiras ao estudo, talvez não haja nenhuma nação na qual uma porção maior de aprendizado seja

difundida por todas as classes de pessoas. Pois como geralmente possuímos a posição intermediária da vida, nem submersos à vassalagem, nem elevados à independência, evitamos a ignorância sórdida dos camponeses e a dissipação impensada dos grandes. O amor heroico da Liberdade, a fortaleza viril, a generosidade de sentimento, pelos quais temos sido tão justamente celebrados, parecem prometer o avanço futuro e a duração estabelecida de nossa glória. Muitos incidentes infelizes em si mesmos tendem a evocar e sustentar essas virtudes. Feliz, a este respeito, têm sido nossas últimas lutas pela liberdade! Elas despertaram o espírito de liberdade, retificaram os costumes da época, nos informaram sobre os direitos da humanidade, relembrou em nossas mentes a gloriosa independência de épocas anteriores, nos incendiou com as visões da fama e, ao preencher nossos pensamentos com desprezo pelos artigos de luxo importados, levantou uma oposição, não apenas ao poder ilegal, mas aos modos efeminados da Grã-Bretanha. E não posso deixar de esperar, apesar de alguns exemplos perigosos de infame deserção, que haja um espírito remanescente nessas colônias, que invariavelmente se oponha aos esforços de usurpação e perfídia, e proíba que a avareza jamais nos traia para a escravidão.

Esta terra já começou a se destacar na literatura. É peculiarmente famosa pelo estudo de Teologia; e embora muito infestada com a controvérsia das produções de curta duração, pode se orgulhar de alguns Divinos, que embora deselegantes em estilo e expressão, talvez nunca tenham se destacado em profundidade de pensamento e profundidade de raciocínio. Os últimos escritores da causa da liberdade ganharam os aplausos da Europa. Muitos ensaios elegantes foram produzidos no estilo de sagacidade e do humor, nem a Poesia foi inteiramente inculta entre nós. O incentivo, que é dado às Artes e Ciências, oferece uma perspectiva de nossa glória futura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAHILL, Edward. **Liberty of the Imagination**: aesthetic theory, literary form, and politics in the Early United States. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2012.

GRASSO, Christopher. Print, Poetry, and Politics: John Trumbull and the Transformation of Public Discourse in Revolutionary America. **Early American Literature**, 30(1): 5-31, 1995.

GULICK, Walter B. Toward an American Aesthetics. In: GULICK, Walter B.; SLATER, Gary. (eds.). **American Aesthetics**: theory and practice. New York: Suny Press, 2020.

TRUMBULL, John. **An Essay on the use and advantages of the fine arts**: delivered at the public commencement in New-Haven. New Haven: Printed by T. and S. Green, 1770.